

HISTÓRIA E MEMÓRIA: UM ESTUDO SOBRE A URBANIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO NA CIDADE DE OEIRAS NO JORNAL *O COMETA* (1971-1975)

Laelton de Sousa Silva¹

Dina Schmidt²

Resumo: Este trabalho propõe uma análise sobre a memória que foi elaborada nas publicações do jornal *O Cometa*, que falavam sobre os signos do moderno na cidade de Oeiras. com ênfase nos estudos sobre a urbanização na cidade, buscando-se criticar os discursos do periódico que será utilizado como fonte de pesquisa. Tendo como objetivo problematizar as abordagens do jornal pesquisado sobre a urbanização e modernização da primeira capital do Piauí na década de 1970. Portanto, este trabalho tem a finalidade de desconstruir as publicações do jornal referente às inovações no meio urbano oeirense. Tentando-se compreender qual era a composição e o contexto das interpretações do noticioso a respeito das alterações em Oeiras. O trabalho será dividido em três tópicos: o primeiro falará sobre o começo da urbanização da cidade de acordo com o periódico aqui estudado. No próximo tópico será falado sobre a luta pela preservação do nome de Oeiras em 1943 e a sua relação com as mudanças urbanas ocorridas na cidade na década de 1970. Já no último tópico serão problematizadas as inovações urbanísticas da década de 1970 que foram anunciadas pelo jornal.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal *O Cometa*; Oeiras; urbanização; memória; modernização conservadora.

¹ Autor do trabalho. Estudante do curso de história da universidade estadual do Piauí, campus professor Possidônio Queiroz. E-mail laeltonsilva@aluno.uespi.br

² Orientadora do trabalho, docente do curso de história na Universidade estadual do Piauí, campus professor Possidônio Queiroz, Oeiras-PI. E-mail dinaschmidt@ors.uespi.br

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, foram feitas análises nos números do jornal *O Cometa* sobre como o noticioso e a sociedade em que estava inserido abordaram a questão da modernidade, e das transformações urbanísticas da cidade de Oeiras. Esta pesquisa tem o objetivo de mostrar o tom conservador da modernidade almejada pela elite oeirense. Isso foi possível graças às problematizações das publicações dos colaboradores do jornal, que evidenciam a posição do noticioso em relação às transformações urbanísticas da cidade. Para isso, foram escolhidos números do periódico que se referiam às mudanças no espaço urbano oeirense, para que assim fosse possível compreender a questão da modernização sob uma perspectiva conservadora.

Esta problemática foi abordada e refletida durante o desenvolvimento de todo o trabalho, visando analisar e questionar essa modernização promovida pela elite de Oeiras. Para isso, foi importante contextualizar e problematizar as falas dos colaboradores do jornal, durante a construção do trabalho. Pois estes colaboradores eram membros dessa elite que visava controlar a modernização conservadora de Oeiras.

O tema norteador da pesquisa foi escolhido pelo autor deste trabalho, cabendo à orientação levantar possibilidades e apontar questões a serem trabalhadas. Foi escolhido como fonte o jornal *O Cometa* por três motivos: o primeiro foi porque o autor deste trabalho foi influenciado pelo trabalho da egressa do curso de história Elis Alice de Oliveira Silva, que trabalhou a questão da mulher oeirense a partir das publicações do jornal *O Cometa* 1971-1975. O segundo motivo foi a acessibilidade muito boa dos números do periódico, garantindo a viabilidade da pesquisa³. E o terceiro motivo tem relação com o fato dos colaboradores do jornal serem contemporâneos às mutações urbanas na década de 1970, sendo atores e testemunhas do processo.

O Cometa foi criado no ano de 1971 e circulou até o ano de 1976, tendo como diretor o José Expedito De Carvalho Rêgo que nasceu no dia 01 de junho de 1928 na cidade de Oeiras. Mais precisamente na Rua do Fogo, onde passou boa parte de sua vida. Filho de Dona

³ Eu tive acesso às páginas do jornal graças a Zulene De Holanda Rocha, e Carlos Rubem Reis por meio do museu Arte Sacra, e também a Socorro Barros e ao Instituto Barros de ensino. Por isso eu queria agradecer a todas essas pessoas e instituições.

Carmen de Carvalho Reis e do Senhor Assuero Cesar Rego, comerciante de Oeiras. Estudou as primeiras séries em escola pública, ao concluir o primário foi estudar em Teresina, em seguida foi estudar na Bahia onde formou-se em medicina na Universidade Federal da Bahia. Por lá casou-se e voltou a residir em Oeiras dedicando-se a obstetrícia e a clínica geral, logo montando o seu consultório, trabalhou no Hospital regional Deolindo Couto, e prestou serviços à população no Posto de saúde de Oeiras. Rego também ingressou na política, mas não teve sucesso. De 1971-1976 dirigiu o jornal *O Cometa*. Foi jornalista, poeta, compositor, escritor e membro do Instituto Histórico de Oeiras (OLIVEIRA, 2017, p. 02).

Teve como colaboradores, Possidônio Queiroz que nasceu em 17 de maio de 1904, iniciou os estudos básicos em escola particular por causa da ausência da rede pública de educação na cidade. Quando foi criado o sistema de internato na cidade, Possidônio Queiroz foi matriculado se tornando um aluno destacado, foi elevado à condição de bedel. Sempre se manteve envolvido com os aspectos culturais e políticos da cidade de Oeiras, foi músico, escritor, professor, advogado, membro do Instituto Histórico de Oeiras e da Academia Piauiense de Letras (MENDES, 2014, p. 02).

Outro membro do jornal foi Costa Machado, nascido em 1900 no estado do Maranhão, mas ainda criança veio morar em Oeiras. Seu pai foi operador técnico de telégrafo por 30 anos na cidade. Estudou Odontologia na Bahia, foi o primeiro presidente da União Artística Operária Oeirense. O pai de Costa Machado veio de Rosário, cidade do Maranhão, e era, como afirmou para Possidônio Queiroz, um mestiço casado com uma mulher branca (LIMA, 2017, p. 120)

O jornal aqui analisado circulou na década de 1970, período em que haviam na cidade disputas políticas entre as famílias Sá e a família Tapety sendo o Possidônio Queiroz adepto dos Tapety que estavam no poder quando o jornal estava em atuação, por isso que o prefeito de Oeiras no momento em que o periódico circulou era o Juarez Piauiense de Freitas Tapety, sendo a oposição política a família Sá, por isso em décadas posteriores o Possidônio Queiroz teve embates políticos com o desembargador Pedro Sá (TAPETY, 2016, p. 38). Além disso, o Brasil estava inserido em uma ditadura civil-militar, que buscava, dentro de seu projeto autoritário uma modernização conservadora do país, passando pelo desenvolvimento urbano dentro destes moldes, mesmo tendo que lidar com várias mazelas sociais, lançando as expectativas no futuro (BOAS, 2012, p. 157). Em relação à cidade de Oeiras, nesse recorte temporal, houve a criação de lugares de memória que ajudaram a construir uma memória elitista da cidade (RIBEIRO, 2023, p. 09). Além disso, Oeiras entrou na rota das cidades que receberam transformações no meio urbano, como, por exemplo, a criação de ruas e avenidas e a pavimentação da cidade em

alguns trechos. Porém os intelectuais através das modificações passadas pela cidade e com um discurso de uma historiografia conservadora buscavam preservar elementos do passado colonial, ao mesmo tempo que queriam aproveitar as características da modernidade.

Portanto, dialogando com esse contexto em que o jornal estava inserido serão feitas análises sobre os discursos de modernidade na cidade de Oeiras através de três tópicos: No tópico o começo da urbanização de Oeiras segundo *O Cometa*, será problematizado sobre como o jornal descreveu a colonização portuguesa como um processo que impulsionou de forma positiva a construção do espaço urbano oeirense, problematizando os elogios ao processo colonizador e sua tomada como herança da elite contemporânea ao jornal.

No tópico Oeiras sempre Oeiras: a campanha de preservação do nome de Oeiras nas páginas do jornal *O Cometa*, problematizamos como o Possidônio Queiroz escreveu nas páginas do jornal a campanha de manutenção do nome de Oeiras na série Oeiras sempre Oeiras. A campanha de preservação do nome da cidade ocorreu em Oeiras, em setembro de 1943, como uma forma de conciliar passado/progresso em um outro fluxo de modernização conservadora durante o Estado Novo. Mediante aos avanços técnicos que Oeiras estava passando, temendo que as tradições e monumentos coloniais se perdessem e com isso o poder de quem era representado por eles. Foi feita essa análise explorando as relações entre discurso modernizador e a preocupação com a conservação de uma memória da elite de Oeiras.

No tópico Oeiras e seus símbolos de Modernidade buscamos problematizar e contextualizar o processo de urbanização da cidade nos anos 1970, analisando quais foram as abordagens que o jornal fez em seus números sobre as mudanças ocorridas no espaço urbano de Oeiras. Buscamos nessa parte do trabalho localizar as transformações que se deu na cidade nesse período, problematizando as posições dos colaboradores do jornal onde foi construída uma imagem de uma Oeiras que deveria ser moderna, mas sem se desvincular de seus aspectos tradicionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em relação ao termo moderno e trazendo um pouco para o foco da pesquisa representa transformações, permanências e contradições na fisionomia urbana mudando assim a vida dos cidadãos e modificando o funcionamento das cidades sendo a ruptura das culturas tradicionais, parafraseando a Tembil “o moderno sendo a interrupção do fluxo tradicional [...] os modos produzidos pela modernidade se desvinculando dos modos de vida tradicionais” (TEMBIL, 2007, p. 39). O moderno traz consigo novas fisionomias para as cidades, deixando os seus aspectos tradicionais de lado, atingindo várias camadas sociais.

Então a modernidade é um fenômeno que perpassa por religiões, etnias e ideologias dando a entender que ninguém está imune a ela, mesmo que um número pequeno de pessoas gozem dos benefícios da modernidade, todos foram atingidos pelo progresso de uma forma direta ou indireta, citando o Berman assim afirma Tembil “a modernidade é uma experiência vital que rompe barreiras ideológicas, geográficas, étnicas e religiosas” (BERMAN apud TEMBIL, 2007, p.39). É importante pensar esse movimento como algo que ressignificou as culturas de várias pessoas, por isso foi vivida de formas diferentes pois enquanto uns a esperavam ansiosos, outros a rejeitavam. No entanto mudou a vida de todos, de forma positiva no caso do pessoal da elite, e de forma negativa para os marginalizados.

Por causa disso há uma desvinculação das cidades com as suas culturas tradicionais para entrar em acordo com o progresso, segundo Tembil “a modernização representa um desenraizamento em obediência ao progresso técnico” (TEMBIL, 2007, p. 42). Por isso que há uma ruptura com o passado que era visto como um empecilho para as cidades que queriam ser modernas, em virtude deste fato os municípios se desfizeram de antigos monumentos para construir novos edifícios, ou seja, novos locais de memória.

Por isso é relevante iniciar uma discussão sobre o conceito de memória, que para Todorov (2012) é um conjunto de práticas que visam relembrar alguns acontecimentos históricos de acordo com o presente de cada sociedade, pois, o passado não é lembrado de forma unânime em diferentes épocas. Além disso, os rituais e a fisionomia da memória não é composto somente por lembranças, há também a escolha do esquecimento dos eventos históricos que trazem certos transtornos para o presente. Por isso, que o Todorov argumenta que da mesma forma que existe o direito de memória, há também o direito do esquecimento segundo o Todorov “haveria uma crueldade infinita em lembrar incessantemente a alguém os

acontecimentos mais dolorosos do seu passado: o direito ao esquecimento também existe” (TODOROV, 1992, p. 199).

A título de exemplo e trazendo para a realidade desta pesquisa o jornal “*O Cometa*” tenta em suas publicações trazer as memórias de Oeiras, a partir de um ponto de vista de que a cidade passa por um processo de modernização, no passado e no presente do jornal (década de 1970). Em contraposição, evitando falar da transferência da capital para Teresina em 1852, essa é uma memória que causou traumas profundos nos intelectuais de Oeiras, incluindo os escritores do jornal, que busca sempre trazer aspectos que remetem a Oeiras como a capital do Piauí.

Então os intelectuais oeirenses através da política do esquecimento, construíram uma memória de uma Oeiras próspera e relevante para o Piauí, com o intuito de ocultar o fato histórico da transferência da capital. Porém com a modernização houve a decadência dos costumes tradicionais por isso a memória se transformou em ligação com as raízes das culturas tradicionais, conforme Tembil “a memória tem o objetivo de amenizar a sensação de desenraizamento” (TEMBIL, 2007, p. 68). Com o desejo de manter as práticas culturais e evitar que elas sejam sucumbidas pela modernidade recorre-se aos lugares de memória, para se garantir intactos os documentos, práticas e monumentos que constroem a identidade dos indivíduos.

Também será feita uma breve discussão sobre o urbano que é um fenômeno abstrato que difunde valores e comportamentos em determinados limites territoriais, parafraseando a Lopes (2005, p.36) “um dos sentidos da urbanização e a difusão do sistema de saberes, comportamentos denominados cultura urbana”. A urbanização se deu em diferentes lugares do mundo de formas diversas, mas o modelo de modernização seguido era o da Europa que se iniciou nos séculos XVIII e XIX com o advento da revolução industrial. A partir da transformação nos meios de produção e nas relações sociais e econômicas houve o êxodo rural.

Por isso, o processo de urbanização na Europa está ligado ao processo de industrialização (LOPES, 2005, p. 34). Porque os meios de produção com os quais o capitalismo europeu utilizou estavam nas grandes cidades, tendo como consequência o aumento populacional fazendo com o que os trabalhadores morassem em cortiços ou em lugares sem higiene, por isso houve o alargamento de ruas e aumento do abastecimento de água.

Já o urbanismo pode ser considerado um ramo do conhecimento, que tem como objeto

a cidade e como também uma técnica de aprimoramento das cidades. O urbanismo surgiu em um contexto dos séculos XIX e XX em que as cidades estavam passando por um crescimento intenso (CARVALHO, 2006, p. 04). Vale ressaltar que com o crescimento da população e com o aumento das periferias, houve a necessidade de remodelação das cidades.

É pertinente falar também a respeito da modernização conservadora que é basicamente a promoção da modernidade juntamente com a permanência de tradições históricas elitistas e das desigualdades sociais. Sendo um modelo de organização social que coloca no mesmo espaço o arcaico e o moderno, fazendo com que estes dois convivam no mesmo ambiente apesar de ambos conterem elementos opostos (PERLLATO, 2014, p. 466). É como se a chegada da modernidade não afetasse as culturas e práticas arcaicas, ou seja, a modernidade se adequando ao arcaico e o arcaico se adequando ao moderno, esse movimento fez com o que as antigas elites permanecessem, mesmo com o advento da modernidade.

É importante refletir também sobre o conceito de intelectuais fazendo uma análise multidisciplinar desses agentes, cruzando-os com a história política, social e cultural (SIRINELLI, 2003, p. 232). Ou seja, esses pequenos grupos almejam e atuam para mediar a política no local e época em que estão envolvidos, visam ser os responsáveis também por decidir os rumos das sociedades em que estão incluídos, além de moldar as culturas e as identidades culturais dos indivíduos. Mas, os intelectuais estavam inseridos em um grupo restrito da elite, por isso que a historiografia desse pequeno grupo era de cunho positivista. Com o advento da história das massas, esses grupos ficaram em segundo plano (SIRINELLI, 2003, p. 235).

Vê-se, então, que, segundo Sirinelli (2003, p. 242), a elite e principalmente a elite cultural são os mediadores da sociedade, é essa parcela da sociedade que busca determinar o que deve ser feito na cidade. Por isso que no caso oirense opta-se por lembrar datas e personagens que são importantes para elite letrada da cidade, sendo aqui utilizado um fato da modernidade para expressar nostalgia de um passado elitista, que estava presente nos intelectuais.

METODOLOGIA

A memória construída nos periódicos apesar de serem importantes, não é possível somente através dela compreender as culturas, sociedades e o cotidiano dos indivíduos além de não contemplar todas as ideologias contemporâneas a eles, e muito menos os modos de vida dos cidadãos. Os embates políticos nos jornais variam muito porque cada periódico tem a sua ideologia política.

Através de suas colunas sociais, esportivas, por meio também das notícias, apelos, anúncios e charges o pesquisador pode extrair informações para os seus estudos, mas para isso é preciso analisar o contexto do jornal, porque conforme afirma Guarnieri:

A imprensa representa determinadas práticas sociais de um determinado contexto histórico específico [...] compreende-se que o periódico como fonte está atrelado à identidade ideológica do grupo que o representa, a maneira como informa está relacionada aos patrocinadores e os colaboradores

(GUARNIERE, 2020, p. 01).

E mais ainda é importante pesquisa sobre a história do local onde o jornal está localizado para se compreender a dinâmica do seu surgimento para que assim possa-se visualizar a sua posição política e quem usa essa imprensa periódica para fazer propaganda, “é importante saber o posicionamento político do jornal e quem utiliza o jornal como propaganda também deve ser conhecido” (VIEIRA, 2022, p. 01). Com o intuito de detectar quais são os interesses do jornal, e de quem são esses interesses e para que fins eles serão usados e como eles serão propagados no meio social.

Também é importante observar qual é a periodicidade do noticioso se é diário, mensal, bimestral ou anual. Também é relevante observar a estrutura física e literária, qual é a cor da tinta e o papel, como são organizadas as falas dos escritores e as páginas. Também é útil observar como são confeccionadas as colunas, então aqui será observado os elementos internos do jornal, para se compreender como ocorre a sua construção tipográfica isso é de suma importância. No caso de O Cometa essa periodicidade era mensal, possuindo no máximo quatro páginas por edição. Em seus cabeçalhos havia a presença do ano em que foram escritas as edições, o mês, o número e o nome em destaque do jornal.

O jornal tinha colunas que abordavam diversos temas de interesse da elite oeirense da década de 1970. A cor do papel era branca, a tinta utilizada para a escrita das notícias geralmente era preta. Eram dados títulos às colunas para que os escritores pudessem noticiar os acontecimentos, a paginação do periódico começa a partir da segunda folha das publicações.

As colunas são organizadas verticalmente, totalizando seis colunas em cada página, sendo três para a esquerda e três para a direita.

O Cometa foi criado no ano de 1971 e circulou até o ano de 1976, tendo como diretor o José Expedito De Carvalho Rêgo que nasceu no dia 01 de junho de 1928 na cidade de Oeiras, mais precisamente na Rua do Fogo, onde passou boa parte de sua vida. Filho de Dona Carmen de Carvalho Reis e do Senhor Assuero Cesar Rego, comerciante de Oeiras. Estudou as primeiras séries em escola pública, ao concluir o primário foi estudar em Teresina, em seguida foi estudar na Bahia onde formou-se em medicina na Universidade Federal da Bahia. Por lá casou-se e voltou a residir em Oeiras dedicando-se à obstetrícia e à clínica geral, logo montando o seu consultório, trabalhou no Hospital regional Deolindo Couto, e prestou serviços à população no Posto de saúde de Oeiras. Rego também ingressou na política, mas não teve sucesso. De 1971-1976 dirigiu o jornal O Cometa. Foi jornalista, poeta, compositor, escritor e membro do Instituto Histórico de Oeiras (OLIVEIRA, 2017, p. 02).

Assim como diz Mendes, este pequeno jornal foi apresentado ao público como órgão de divulgação e cultura (MENDES, 2014, p. 03). Teve como colaboradores, Possidônio Queiroz que nasceu em 17 de maio de 1904, iniciou os estudos básicos em escola particular por causa da ausência da rede pública de educação na cidade. Quando foi criado o sistema de internato na cidade, Possidônio Queiroz foi matriculado se tornando um aluno destacado, foi elevado à condição de bedel. Sempre se manteve envolvido com os aspectos culturais e políticos da cidade de Oeiras, foi músico, escritor, professor, advogado, membro do Instituto Histórico de Oeiras e da Academia Piauiense de Letras (MENDES, 2014, p. 02).

Outro membro do jornal foi Raimundo da Costa Machado, nascido em 1900 no estado do Maranhão, mas ainda criança veio morar em Oeiras. Seu pai foi operador técnico de telégrafo por 30 anos na cidade. Estudou Odontologia na Bahia, foi o primeiro presidente da União Artística Operária Oeirense. O pai de Costa Machado veio de Rosário, cidade do Maranhão, e era, como afirmou para Possidônio Queiroz, um mestiço casado com uma mulher branca (LIMA, 2017, p. 120).

A periodização de publicação do jornal era mensal, abordando notícias de Oeiras, do Piauí, do Brasil e do mundo. Falava a respeito dos problemas locais que eram importantes para a elite local, sobre política e economia local, estadual, nacional e internacional. O jornal raramente apresentava imagens e utilizava predominantemente linguagem verbal. Além disso, havia as colunas do jornal que eram assinadas por intelectuais oeirenses, onde eram publicados

poemas como os de Costa Machado, “Coluna de Esculápio” e “Labaredas de Fogo”. Também haviam colunas destinadas às publicações dos poemas de Gerson Campos. Foi criada também uma coluna para falar sobre o esporte oeirense que era redigida por Doca Libério. Além disso, havia espaços destinados a temáticas da história de Oeiras, tendo como maior exemplo a publicação das séries “Oeiras Sempre Oeiras” e “História de Oeiras”. Nestes espaços, eram publicados artigos de intelectuais de Oeiras, nos quais a história e a cultura oeirenses eram exaltadas, como por exemplo as publicações de Dagoberto de Carvalho Júnior e Possidônio Queiroz.

O começo da urbanização de Oeiras segundo *O Cometa*

Neste primeiro tópico, é analisado como o jornal *O Cometa* fazia relatos a respeito da colonização da Vila do Mocha. Na perspectiva dos escritores do jornal este processo foi muito positivo porque contribuiu no desenvolvimento da região enquanto Vila e enquanto cidade. Porém deixamos claro que o objetivo da construção da Vila do Mocha não foi de urbanizar o território, mas sim de colonizá-lo.

Os escritores de *O Cometa* viam a colonização como o início da urbanização de Oeiras caracterizando a instalação dos primeiros aparelhos coloniais, e as transformações causadas por eles como a chegada do progresso. Na perspectiva do periódico, a colonização de Oeiras pelos portugueses foi um acontecimento que marcou o princípio da história urbana da velha cidade piauiense, afirmando que o primeiro monumento construído no Piauí a Igreja Nossa Senhora da Vitória foi a responsável por iniciar a aglomeração populacional no brejo chamado Mocha:

Quando se fez a escolha do brejo chamado o Mocha como local apropriado para nele se edificar a primeira igreja em terras do Piauí, em homenagem a Nossa Senhora da Vitória, orago da primeira freguesia criada nesta parte da federação; talvez não tivessem pensado, aqueles que elegeram o mesmo brejo do Mocha que mais tarde viria a ser uma Vila próspera, cidade importante e

capital da capitania. (O COMETA, ano II, junho de 1972, p.03)

Antes do surgimento do primeiro templo regular do Piauí e da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, em 1697 houve a construção da fazenda Cabrobó que pertencia ao português e sertanista Domingos Afonso Mafrense. E sendo fundada logo depois uma Vila, a Vila do Mocha que, segundo o jornal foi fundada no meio do sertão da capitania do Piauí com uma economia baseada na criação de gado sendo responsável por manter as capitanias do Brasil abastecidas com a carne bovina segundo o jornal: “A Vila está fundada no meio dos sertões da capitania, cingida de vastíssima e abundantes campinas de gado vacum e cavalari, de que se

provê uma grande parte da colônia luso-brasileira” (*O Cometa*, ano II, Nº 06, junho de 1972, p.03).

Aqui é evidenciado que a colonização tinha o objetivo de fundar a Vila para a dominação e exploração do território, praticando a pecuária pois o solo não era bom para plantar a cana de açúcar. Visando ter riquezas, os portugueses e os vaqueiros com suas mulheres e crianças fixaram as suas residências na Vila. O jornal relata que a colonização tinha caráter urbanizador e econômico, tendo como principal modo de controlar a região as práticas da economia pecuarista e as religiosas, ou seja, os portugueses colonizaram a região com instrumentos de controle econômicos e religiosos, construindo uma paisagem urbana. Segundo Arraes, a gradual expansão urbana de Oeiras passou pela condição de freguesia da Igreja Católica que garantia, em tese, a reunião de moradores dispersos e isolados. (ARRAES, 2012, p. 04).

Sendo um mecanismo de controle da coroa portuguesa, a freguesia de Nossa Senhora da Vitória para o jornal *O Cometa* foi um instrumento que colaborou para urbanização de Oeiras, pois para o pleno desenvolvimento do espaço urbano oeirense dependeu-se muito da construção da Igreja e da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, era um instrumento de governabilidade do território que representava para o jornal um avanço moderno. Por tanto, segundo Carvalho (2010) “toda cidade brasileira de origem portuguesa nasceu ao redor de uma igreja”. Com o surgimento da Vila do Mocha e com o aumento da população, segundo o jornal havia a necessidade da criação de vestígios do progresso, ou seja, mais meios que facilitassem o controle da região pela coroa portuguesa, neste caso da construção da freguesia de Nossa Senhora das Vitórias o aumento de casamentos, batizados e missas:

Enquanto isso, florescia a Vila do Mocha, e com ela a freguesia de N. Senhora da Vitória, a única então existente na Capitania, cresciam as necessidades sócio-religiosas da população, havia a demora nos pedidos de dispensa para casamentos, nos casos de parentes mais próximos, as famílias ainda hoje se entrelaçam nas pequenas comunidades. (O COMETA, março de 1975, Nº 03, Ano V, p. 01)

Aqui, dá-se a entender que as práticas religiosas também eram vistas, na ótica de *O Cometa* como algo que promoveu o urbano na Vila do Mocha segundo o periódico, o fato de existir uma construção religiosa demonstraria que as demandas pelos serviços da Igreja Católica cresceram, o que significou o aumento da população. As construções que surgiram foram todas ao redor da igreja, isso para o noticioso *O Cometa* significava que o espaço urbano oeirense surgiu através, também das missões religiosas começando a edificar uma paisagem urbana na antiga fazenda Cabrobó. Após a edificação da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, foi construída uma capela dedicada a Santo Inácio de Loiola, nesse mesmo dia se nomeou o

primeiro Vigário da primeira Freguesia, este fato na visão do jornal ajudou no crescimento da Vila:

No Piauí, a cousa não foi diferente desde cedo penetraram os filhos de Santo Inácio em 1697 os vemos aqui, na fazenda Cabrobó já povoado, Freguesia, construindo capela [...] naquele dia se nomeava o primeiro vigário da primeira Freguesia criada em nosso estado a Freguesia N. Senhora da Vitória. (O COMETA, março de 1975, N 03, Ano 03, p. 01).

A introdução da Igreja Católica como um fenômeno que iniciou a exploração portuguesa da cidade de Oeiras, onde os religiosos buscaram construir monumentos com o intuito de obter posses das terras e de se fixarem na região, tentando apagar os costumes dos nativos que de acordo com a visão dos religiosos europeus eram vistos como modos de vida atrasados. Então a construção da capela, a nomeação de um vigário representou uma mudança no cenário territorial da primeira capital do Piauí.

Os colaboradores do jornal reconstruíram narrativas sobre a entrada dos portugueses na antiga Vila do Mocha de uma forma positiva, rememorando a atuação dos europeus e construindo uma visão de que Oeiras foi fundada com objetivos progressistas. Relatando a história da cidade nesse ponto de vista na década de 1970, na intenção promover a modernidade conservadora fazendo uma recuperação daquilo que o jornal considerou como o princípio da urbanização de Oeiras, nos séculos XVII e XVIII para direcionar a urbanização da década de 1970.

Descrevendo os signos da dominação portuguesa como peças fundamentais para o surgimento da cidade de Oeiras nos séculos XVII e XVIII, sendo um deles a fazenda Cabrobó que pertenceu ao português Domingos Afonso Mafrense e foi construída em 1696. Além disso a população foi crescendo e era composta de vaqueiros, artesãos, mulheres e crianças que vieram de outras províncias da colônia, vindos principalmente da província do Maranhão com o incentivo do governo provincial. Em 1758, Oeiras se tornaria sede do governo do Piauí. E, de acordo com a carta régia de 29-07-1758, a cidade se tornaria capital três anos depois:

A fazenda Cabrobó até 1696, freguesia nos séculos XVII e XVIII com o complicado nome de Nossa Senhora da Vitória do Brejo do Mocha do sertão do Piauí: Vila do Mocha em 26-11-1717. Por carta régia de 30-06-1712 sede do governo provincial, cidade em 19-06-1761. Foi capital até 1852. (O COMETA, abril de 1972, N 04, p.01).

Aqui fica visível que há uma cronologia que *O Cometa* elabora com a finalidade de evidenciar que Oeiras, desde o final do século XVII vem passando por transformações urbanísticas. A construção da fazenda Cabrobó para o jornal representou a gênese do espaço urbano da antiga Vila, que foi complementada com a já citada Freguesia de Nossa Senhora da

Vitória. As histórias de ambas se confundem, pois uma foi construída em 1696 e a outra em 1697, além do mais o território só se tornou Vila por causa da influência do império português que segundo Arraes:

O Império Português expressou a posse dos sertões brasileiros através da criação de uma rede de Vilas instaladas segundo a norma régia...a freguesia de Nossa Senhora da Vitória recebeu do rei D. João V o status de Vila, cujas políticas régias assegurariam o controle de áreas sem autonomia administrativa (ARRAES, 2016, p. 358).

Pelo fato do império Português objetivar controle político sobre todo o sertão brasileiro, conforme frisado pelo Esdras Arraes (2016) foi criada uma rede de vilas incluindo-se a Vila do Mocha para se ter domínio dessa área da colônia, que estava sem administração nesse momento e se tornou sede do governo provincial em um momento que a coroa portuguesa explorava economicamente os sertões de dentro, portanto fica evidenciado que divergindo da interpretação do jornal, Oeiras nos séculos XVII, XVIII não foi ocupada com o objetivo de implantação de um espaço urbano, mas com a finalidade de estender o domínio português com a criação de instituições que instrumentalizou o controle dos portugueses sobre a população deste território.

Outro signo do moderno ressaltado por *O Cometa* é o jornal impresso surgido no Piauí, em 1832, tendo como primeiro periódico o jornal chamado *O Piauiense*. Na sequência, surgiram outros periódicos que, porém, tiveram pouco tempo de vida devido a cidade ser pouco desenvolvida economicamente. Isso interferiu muito na produção dos periódicos pois não haviam gráficas na cidade sendo estes elaborados na cidade de Recife. Dando a entender que a infraestrutura da cidade não ajudava na manutenção dos periódicos, considerando que o fator econômico contribui muito para a permanência de um periódico, pois como afirma Nelson Werneck (1999), se uma cidade não estiver num estágio avançado do capitalismo o jornal impresso não se mantém.

Na terra mater do Piauí, deu-se estampa nos idos de 1832 *O Piauiense* o primeiro jornal que viu as terras maffrensinas. [...] depois desse periódico vieram outros jornais políticos, literários e noticioso que se publicaram aqui tais como *O Telégrafo* em 1839; *O Governista* em 1847; *O Constitucional* em 1848; *O Analytico* em 1848; *O Escolástico* em 1849; *A Voz da verdade* em 1849; *O Echo Liberal* em 1849; *O Argos Piauienses* em 1851; *Recreio literário* em 1851; *O Oeirense* em 1852, *O Século* em 1877; *A Ordem* em 1878; *O Município* em 1887, *O Teteo* em 1887 e o *Gato* em 1889. percebe-se que o movimento jornalístico era apreciado na velha capital. por causa da pobreza do meio a vida dos periódicos era curta (*O COMETA*, março de 1971, Ano I, N 01, p. 01).

Foi publicado no primeiro número do jornal sobre o surgimento e a permanência do jornal impresso em Oeiras, fica visível que o seu aparecimento foi tardio em comparação a outras cidades. Tem-se como exemplo o Rio de Janeiro, onde surgiu o primeiro periódico dentro do contexto da liberação da imprensa, no Brasil chamado de *A Gazeta*, em 1808. Tal defasagem temporal e precariedade na permanência de jornais pode ser compreendida, também, pela fragilidade da economia e da infraestrutura. Exemplo disso eram as péssimas estradas e

ferrovias, atrasando a chegada dos jornais impressos que eram fabricados em gráficas de Recife chegando em Oeiras através do Rio Parnaíba.

O jornal reflete sobre o surgimento da imprensa no Piauí justamente para mostrar que o seu próprio surgimento é um sinal do progresso, igualmente quando ocorreu o surgimento do primeiro jornal do Piauí, mostrando o seu posicionamento conservador em relação à modernização. Por isso há o resgate da história dos primeiros jornais do Piauí, com objetivo de celebrar a chegada do novo noticioso, mas também evidenciando as tradições literárias dos antigos periódicos oeirenses.

Aqui, os colaboradores do jornal mobilizaram de forma nostálgica o período em que Oeiras era a cidade onde circulavam os principais e únicos jornais do Piauí. Mostrando que Oeiras teria uma longa tradição literária, com objetivo de associar o novo jornal com os periódicos do século XIX, deixando visível que a circulação de periódicos na cidade não é novidade. Neste sentido, os colaboradores falam do surgimento dos periódicos no século XIX para evidenciar o surgimento de *O Cometa* e também para receber as modificações da cidade nessa mesma década.

“Oeiras sempre Oeiras”: a Campanha de Preservação do nome de Oeiras nas páginas de O Cometa

Neste tópico, será trabalhado como Possidônio Queiroz narrou a campanha pela permanência do nome de Oeiras, ocorrida no ano de 1943 em publicações feitas nos anos de 1970 nas páginas do jornal *O Cometa*. Por tanto, será importante fazer um diálogo entre o ano de 1943 e a década de 1970. Será feita uma contextualização dessa campanha cívica, ocorrida em 1943 para que seja possível compreender o porquê de o colaborador do jornal retomar tais narrativas no contexto do jornal, na década de 1970. Dito isso, nesta parte do trabalho foi avaliado como esse intelectual utilizou dessas narrativas para promover uma modernização conservadora.

A cidade de Oeiras presenciou a criação da lei federal número 3599 de 06 de setembro de 1941, que proibia duas cidades do país de terem o mesmo nome. Por existir uma outra cidade chamada Oeiras no estado do Pará, essa lei federal atingiu diretamente o município piauiense. Por isso, foi criada uma campanha chamada “*campanha cívica em defesa do nome de Oeiras*” desenvolvida pelos intelectuais oeirenses. Eles desenvolveram narrativas sobre Oeiras que visavam demonstrar a importância da história da cidade tanto no âmbito estadual como também nacional, buscando legitimar a relevância da cidade e a preservação do seu nome:

No mês de setembro de 1943, viveu a pacata Oeiras, sacudida por enorme frenesi, e sob sentimento de não menor expectativa. Foi o mês da luta, o período de prélio glorioso, durante o qual o grande coração da velha terra apelidou todos os seus filhos para a defesa de um patrimônio intocável representado por um passado histórico de quase dois séculos. A velha urbe estremeceu, experimentou a inquieta tristeza que assaltava os viventes ante a ameaça de um grande e real perigo, mas não sentiu o frio do desânimo, porque viu emocionada, porque confortada contemplou em redor de si a muralha protetora, que os próprios corações lhe construíram seus filhos dispostos a enfrentar, a tudo sofrer, para que a terra mãe venerada não fosse molestada. Oeiras não poderia perder o seu nome; não poderia mudá-lo, mas a lei aí estava, o decreto lei número 3599 e exato, não fora promulgado contra nós diretamente, porém poderia enredar nas suas malhas, a terra mãe querida que embalou o Piauí menino, assistiu-o, protegeu-o e lhe dirigiu os destinos por mais de um século. Naquele momento importante de sua história recebeu a invicta cidade, a comovente solidariedade dos filhos queridos, dos que aqui nos encontrávamos e dos que se achavam em outros pontos do estado e do país. Todos como se fossemos um só, nos levantamos e fizemos ouvir as nossas vozes em defesa da terra sacrossanta em que abrimos os olhos ao bulício da vida, a carícia morna da luz. (O COMETA apud SANTOS, 2022, p. 112)

Aqui são evidenciadas algumas das justificativas construídas para legitimar o porque a cidade devia permanecer com a mesma nomenclatura, pois segundo essa publicação a cidade viu o Piauí crescer, contribuindo para o aparecimento do Piauí no cenário nacional. Apontou também que o município determinou por mais 100 anos o destino do estado, a publicação fala que foi em Oeiras que nasceram inúmeros intelectuais piauienses. Além do mais, nos relatos que foram construídos em prol do movimento de permanência do nome de Oeiras foi mostrado que as atividades eclesiais dos religiosos da Igreja Católica no Piauí começaram na antiga Vila do Mocha com a construção da primeira freguesia, a de Nossa Senhora das Vitórias e do primeiro monumento religioso do estado de mesmo nome.

Refletindo sobre uma campanha ocorrida 28 anos antes do surgimento do jornal, Possidônio Queiroz nas colunas dedicadas a série OEIRAS SEMPRE OEIRAS, relata que Oeiras não estava imune às determinações do Estado Novo, por isso também sofreu as consequências do decreto lei número 3599. Sendo o prefeito Orlando Carvalho adepto do governo Vargas, ele colocou Oeiras na lista de cidades que estavam se tornando modernas em uma onda de modernização conservadora que acompanhou a ditadura do Estado Novo. Além de não resistir à mudança do nome de Oeiras, o prefeito propôs que a cidade recebesse os nomes Fidalga, Canaã ou Colinas, podendo se observar que o prefeito no período da campanha, queria que o nome da cidade mudasse. Santos, citando O Cometa evidência: “não contamos com o prefeito o qual longe de consultar o povo sobre o assunto, sugeriu que Oeiras substituísse o seu nome por Canaã, Colinas ou Fidalga” (O COMETA apud SANTOS, 2022, p.122).

Tal mobilização foi organizada pelos intelectuais da cidade no Rotary Club Oeiras:

Estávamos nos minutos finais da reunião chegávamos ao fim os Rotarianos nem deram por isso, um dos companheiros levantou a mão e pediu a palavra.

Possidônio Queiroz - quero esclarecer ao nobre que a hora está encerrada. neste instante suspende-se a reunião.

Laurentino Pereira Neto - o que o companheiro deseja dizer é importante?

Abel Ferraz - Sim. E por isso rogo ao companheiro presidente, que, encerrada a nossa reunião rotariana, iniciemos outra de oeirenses. Preciso ventilar um assunto de importância capital para a vida de nossa terra então expôs a notícia da ameaça que pairava sobre a nossa cidade. Oeiras poderia ter o seu nome mudado. (*O Cometa*. Ano I, N 04, junho de 1971, p. 01).

O Rotary Clube Oeiras foi criado em 23 de maio de 1943 e integrado ao Rotary Club internacional em 21 de julho do mesmo ano. O de Oeiras foi inspirado no Rotary Club de Florianópolis (SANTOS, 2022, p.118). Era um local onde se debatiam os problemas locais da cidade, que eram considerados importantes para os integrantes dessa instituição que eram as pessoas das elites política, econômica e intelectual. Os seus componentes eram chamados de rotarianos.

A partir desse diálogo sobre a notícia da mudança de nome da primeira capital do Piauí, iniciou-se a mobilização pela continuidade do nome da cidade. Para isso foi iniciada uma reunião no Rotary Clube Oeiras para a discussão e planejamento para impedir a mudança do nome. E, no dia 5 de outubro de 1943 foi marcada outra reunião para serem definidas as medidas a serem tomadas, “E logo ficou assentado que no dia 05 de setembro domingo se faria uma reunião na casa do Mário de Alencar Freitas para tratar-se do caso e definir as maneiras como iremos defender o nome Bissecular da antiga metrópole da terra de Mafrense” (*O Cometa*, junho de 1971, Ano I, N 04, p. 01).

Nesta reunião, foram definidos os procedimentos a serem seguidos durante o período de campanha e um deles foi construir um memorial que argumentasse, na perspectiva de seus componentes a importância da cidade de Oeiras para o Piauí e o Brasil. Argumentaram expondo a longevidade da cidade, suas culturas e tradições buscando convencer que essa luta era válida porque essa nomenclatura foi deixada pelos portugueses e por isso, também era importante preservá-la. Aqui vê-se que há o desejo de reproduzir as estruturas culturais iniciadas pelos portugueses em pleno desenvolvimento da modernização conservadora, tanto em setembro de 1943 como nos anos 1970.

Com tais narrativas, objetivava-se preservar as antigas estruturas de poder. Em virtude disso, não queria que Oeiras trocasse de nome essa luta foi uma forma de resistir tanto às imposições do Estado Novo, como também uma forma de festejar a chegada da modernidade e ao mesmo tempo uma forma de manter as elites tradicionais no poder, nos anos ditatoriais do

Estado Novo. Possidônio Queiroz reconstrói essas narrativas com a intenção de manter vivos os costumes que o nome Oeiras carregava, em um novo contexto de modernização conservadora dentro de uma ditadura, no início dos anos 1970.

Segundo o jornal *O Cometa*, todos teriam se mobilizado pela preservação do nome de Oeiras, dando a ideia de que toda a sociedade oeirense queria a permanência do nome da cidade e que toda a população oeirense se mobilizou em prol dessa causa, nos discursos do jornal *O Cometa* percebe-se que os colaboradores tentaram transmitir ideia de que toda sociedade oeirense temia perder a nomenclatura da antiga cidade piauiense, conforme o jornal diz:

Naquele ano de 1943, e durante o mês de setembro o nosso povo vibra empenhado que estava em uma pugna para nós sacrossanto, qual a defender um patrimônio que é nosso e que pela posição também é do Piauí. por isso, se levantaram para o prélio santo, muitos cruzados que aqui e em outros pontos da cidade e além fronteiras estaduais, tomaram armas e saíram numa peleja (*O Cometa*, ano I, julho de 1971, Nº 05, p. 01)

De modo geral, nesta citação há afirmação de que todos aderiram essa manifestação, mas este movimento foi quase que exclusivamente dos intelectuais de Oeiras, que tinham a compreensão de que se a cidade perdesse o nome seria o fim das tradições e culturas ligadas ao nome da cidade, sentimento ligado ao ainda persistente ressentimento da perda do status de capital em 1852. Isso fica mais evidente, quando Possidônio Queiroz quase um ano depois contradizendo-se, escreve em outro número do jornal a sua insatisfação em relação a não participação dos civis na campanha: “Teria sido consolador para a velha terra, se todos os seus habitantes tivessem cerrado fileiras em seu derredor, dispostos a lutar em sua defesa, em defesa da história do Piauí, isso significaria terçar armas pela terra mãe, entretanto, tal não se deu” (*O Cometa*. Fevereiro de 1972, N 02, p. 01).

Aqui, percebe-se como o jornal *O Cometa* cria narrativas sobre a mobilização pela preservação do nome de Oeiras em seu contexto, buscando associar este fato aos discursos de sobre a modernização feitos pelo jornal na primeira metade da década de 1970. As narrativas de autoria de Possidônio Queiroz sobre a manutenção do nome de Oeiras no jornal na década de 1970 foram um aspecto conservador da modernização oeirense, remontando ao passado e à nostalgia de um momento em que toda a cidade, supostamente teria se mobilizado pela preservação do nome de ⁴herança colonial.

Ou seja, aqui fica evidenciado que os intelectuais na década de 1940 e os escritores do jornal na década de 1970, tendo interesses em comum entre si, buscaram adotar uma posição conservadora em relação à modernização. Nesses dois períodos, buscaram construir e retomar

narrativas que deixavam visível a ligação da cidade com o seu passado colonial. Então, essa campanha foi importante para os intelectuais, em 1943 e para os escritores do jornal na década de 1970, sendo que os organizadores do jornal também participaram da mobilização. Em virtude disso e de acordo com as suas perspectivas, era importante preservar a memória portuguesa elitista, e para o jornal era importante relembrar essa luta empreendida pela elite cultural de Oeiras. Segundo o jornal, atendia os interesses de todos quando na verdade o interesse de manter o nome da cidade e de relembrar essa campanha era da elite letrada, até onde nossa documentação mostra.

Segundo Ribeiro, “o nome Oeiras é representação da herança de civilidade que veio do velho mundo – o nome dado pelos portugueses vinha carregado de demonstração de tradições históricas” (RIBEIRO, 2023, p. 08). Possidônio Queiroz almejava preservar os modos de vida tradicionais que a nomenclatura da cidade carregava, argumentando que o nome da cidade é um patrimônio histórico herdado da colonização luso-brasileira.

A publicação da coluna “Oeiras sempre Oeiras” objetivava manter os privilégios e interesses da elite oeirense, diante do temor de que com o processo de urbanização provocasse o esquecimento dessa campanha e dos valores que ela defendeu, todavia, os próprios colaboradores do jornal eram os entusiastas da modernização. Essa contradição existiu porque nesse período houve uma modernização conservadora no Brasil, onde os signos do moderno conviviam com as antigas sociedades tradicionais e suas elites. O Brasil, mesmo com as suas mazelas, queria se mostrar como uma futura potência moderna (BOAS, 2012, p. 156). No caso de Oeiras, a modernidade dividiu espaço com uma sociedade descendente e defensora da cultura luso-brasileira e com antigos monumentos deixados pela colonização portuguesa.

Fica evidenciado que os letrados de Oeiras apreciavam o avanço técnico e urbanístico. Temos como exemplo Possidônio Queiroz que anunciava no jornal *O Cometa* com entusiasmo as inovações que chegavam na cidade. Porém, também eram criadas crônicas por esse intelectual com o objetivo de construir lugares de memória. Segundo Nora, lugares de memória são aqueles que a imaginação o investe de uma aura simbólica (NORA, 1993, p. 21).

O jornal como um lugar de memória para os fatos e as coisas de Oeiras, a título de exemplo era a série “Oeiras Sempre Oeiras”, um conjunto de narrativas que objetivava dar um tom conservador a modernização que estava ocorrendo no período de 1970, construindo a sua

⁴ Em conversa com a historiadora e diretora do museu Arte Sacra Zulene de Holanda Rocha foi revelado que o movimento de preservação do nome de Oeiras foi quase exclusivamente dos intelectuais oeirenses.

perspetiva adequada ao contexto em que o jornal estava inserido, ou seja produzindo narrativas nos anos 1970, a respeito da campanha pela preservação do nome de Oeiras do ano de 1943.

A adesão de diferentes intelectuais à causa da campanha indica o alcance deste duplo sentimento nos homens de letras de Oeiras: que a cidade necessitava se tornar moderna, mas sem deixar de lado as raízes históricas. Segundo Ribeiro, “a modernidade trouxe um sentimento contraditório nessa elite letrada que celebrava a urbanização, mas lamentava igualmente o suposto desaparecimento da antiga cidade de sua infância” (RIBEIRO, 2023. p. 07).

Oeiras e seus símbolos de modernidade na década de 1970

Com relação ao contexto do jornal *O Cometa*, um dos signos do moderno é o surgimento do próprio periódico, que segundo Tapety surgiu no ano de 1971. Foi fundado por José Expedito Rêgo, contando com a colaboração dos intelectuais Possidônio Nunes Queiroz e o Raimundo Costa Machado, esse periódico era restrito para um número pequeno de pessoas, pois os números do jornal eram destinados a uma pequena quantidade de leitores. Então eram produzidos discursos voltados para a elite conservadora de Oeiras. Na Coluna intitulada Aparece um jornal em Oeiras é falado sobre este fato: “*O Cometa*, e o jornal que agora aparece na invicta cidade, vem a lume [sic] por iniciativa do Exmo. O Sr.. O Dr. José Expedito de Carvalho Rego, não é apenas um médico, mais também um clínico de reputação firmada e também poeta” (*O Cometa*, março de 1971, Ano I, N 01, p. 01).

O Cometa como um local onde a modernização era posta em conjunto com as tradições da cidade tais como a cultura política, religiosa e letrada. Porém, era uma modernização excludente diante de um avanço técnico nunca visto antes nas cidades brasileiras (DOMINGUES, 2009, p. 461). Então o periódico visava noticiar a respeito dos costumes da velha capital, e ao mesmo tempo reportar o que de novo surgia na cidade. Segundo uma de suas publicações: “O Cometa será antes um jornal de divulgação de cultura, um órgão de desenvolvimento, de treinamento e aproveitamento dos pequenos valores locais” (*O Cometa*, março de 1971, Ano I, p. 01). A análise dos valores locais e a abordagem de uma comunidade em específico, a chamada história local corriqueiramente feita por memorialistas ajuda na construção da identidade de um grupo e na afirmação de seus interesses. (LIMA; MARINHO; BRAND, 2007). Dito isso, fica visível que o jornal objetivava auxiliar a elite letrada e política oeirense a controlar e estimular a modernização conservadora, sendo “um órgão de desenvolvimento” e ao mesmo tempo, preservar os “valores locais”.

As tradições culturais da elite de Oeiras eram preservadas mesmo diante da modernização, por que os responsáveis pela produção cultural sentiam a necessidade de viver um período nostálgico, que para Natali esse período se caracterizava pela lamentação da transformação do espaço (NATALI, 1971, p. 28). Neste caso, reviver uma Oeiras que tinha tido um importante papel administrativo, intelectual e econômico. Mas, segundo (BOAS, 2012, p.156), os processos de modernização traziam às elites expectativas de desenvolvimento das cidades, o que pode nos ajudar a compreender porque a elite de Oeiras desejava também, a modernização.

Outro signo do moderno a ser citado é o Instituto Histórico de Oeiras, fundado por Dagoberto de Carvalho Júnior em 1972. Esse espaço é voltado à produção da modernização conservadora, que estava inserida em um contexto onde estava ocorrendo uma modernização equilibrada em Oeiras, que “seria a penetração da modernidade sem que houvesse a destruição das antigas tradições” (LE GOFF, 1994, p.164). Conforme é falado na publicação de *O Cometa* de Março de 1972, o Instituto Histórico de Oeiras foi o resultado das tentativas dos homens de letras oeirenses de perpetuar os principais acontecimentos nos três séculos de Piauí. Tal esforço foi expresso nas páginas do jornal, ao veicular a criação do IHO: “muitos talvez tenham sido os que como nós no esforço de perpetuar os marcos mais remotos da civilização piauiense, tentaram lançar sobre os quase três séculos de Piauí, as bases de um Instituto Histórico” (*O Cometa*, Nº 03, Ano II, p. 04).

A criação deste lugar de memória, que segundo Todorov são instituições que têm domínio sobre a memória (TODOROV, 2002, p.139), teve como fator o momento em que seu criador Dagoberto de Carvalho Júnior, vivenciou em Recife um movimento importante na historiografia brasileira. Quando era acadêmico de medicina em Recife, ventilou essa ideia da criação de um Instituto Histórico para os intelectuais Possidônio Queiroz e Costa Machado que de imediato abraçaram a ideia. Este Instituto Histórico, segundo Ribeiro, tem os mesmos princípios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1838 (IHGB) e do Instituto Histórico e geográfico do Piauí (IHGP) criado em 1918, pois todos têm o objetivo de preservar uma nostalgia elitista (RIBEIRO, 2023, p. 09).

Nostalgia essa que fazia com o que os intelectuais quisessem que Oeiras (re)vivesse os tempos considerados áureos de capital, fazendo com o que os letrados permeassem sua contemporaneidade com valores e memórias dos tempos idos. Esta condição, segundo (NATALI, 1971, p. 23), é uma dificuldade de se adaptar ao novo. Mas, ao mesmo tempo, havia nos intelectuais o desejo de ver Oeiras se modernizando. A elite cultural oeirense planejou e

difundiu a imagem de Oeiras que está integrada ao projeto de modernização defendido pelos idealizadores do governo militar em 1970, divulgando as mudanças urbanísticas. Mas, idealizando Instituições para preservar o acervo histórico de Oeiras: “O jovem e inteligente conterrâneo, Dagoberto Ferreira de Carvalho Jr [sic], acadêmico de medicina, estudioso das nossas coisas e da nossa história, num esforço muito digno de louvor, deseja criar o Instituto histórico de Oeiras” (*O Cometa*, março de 1971, Ano I, p. 04).

Dagoberto de Carvalho Júnior criou o Instituto Histórico de Oeiras porque o mesmo expressou preocupação com a construção e preservação de uma memória conservadora que seria a não superação do velho (PERLATTO, 2014, p. 469) diante da modernidade ocorrida nas décadas de 1960 e 1970. Tais sujeitos percebiam com entusiasmo as novidades da modernidade e ao mesmo tempo temiam o suposto desaparecimento dos aspectos deixados pela colonização que conferiam poder político e simbólico às elites a que pertenciam. Segundo Ribeiro, esta elite pensava uma modernização que pudesse trazer melhorias para a cidade sem que destruísse os aspectos do período colonial e provincial (RIBEIRO, 2023, p. 03).

Portanto, as transformações modernizadoras causaram um sentimento contraditório nessa elite letrada que celebrava a modernidade, mas lamentava igualmente o suposto desaparecimento de uma antiga Oeiras (RIBEIRO, 2023, p. 07). Dito isto, esta modernização foi favorável a elite herdeira da colonização luso-brasileira, mas não mudou a vida da população periférica, pois foram idealizadas poucas ou nenhuma melhoria para a classe popular. Um exemplo disso, foi a eletrificação de Oeiras que segundo Mendes foi realizada pela hidrelétrica chamada Barragem de Boa Esperança (S.A.B.E) que chegou na cidade na década de 1970. O jornal *O Cometa* anuncia a chegada da empresa e seu empenho em cobrir o processo: “em palestra com o Sr. Vicênio Temaglio, técnico da S.B.E e chefe do escritório dessa firma, em nossa cidade, nosso repórter, Daniel Filho, conseguiu colher algumas informações a respeito da próxima eletrificação de nossa cidade” (*O Cometa*, março de 1971, Ano I, p. 04, n. 01).

Segundo Boas, a modernização conservadora brasileira ao mesmo tempo que celebra o progresso mostra as mazelas da sociedade (BOAS, 2012, p. 158). Nesse caso, o próprio jornal dá destaque à chegada da energia elétrica, mas lamenta a ausência dela em vários domicílios como veremos mais adiante. Segundo Tapety, a chegada da energia elétrica não trouxe benefícios para todos, isso porque uma parcela significativa da população oeirense, principalmente os habitantes dos bairros periféricos e da zona rural, continuaram sem luz elétrica: “A Barragem de Boa Esperança com o nome Marechal Castelo Branco chegou a Oeiras

em meados de 1970, mas os lampiões e os candeeiros e as lamparinas não saíram das prateleiras, pois alguns bairros e a zona rural não eram atendidos” (TAPETY, 2016, p. 48).

Em outra edição do jornal *O Cometa*, de 16/08/1971 há um poema de João Damasceno no qual um personagem sertanejo reclama da presença da luz elétrica na casa de sua comadre, como se ela estivesse presente em várias residências. De acordo com a personagem do poema, com a luz elétrica o povo iria parar de admirar a lua, por isso pede a sua comadre para arrancar a luz elétrica de sua casa. Em sua escrita, é como se a eletricidade corroesse a cultura sertaneja de utilizar a lua como guia durante a noite, aqui fica demonstrado que o moderno não era visto de forma positiva por todos. Segundo o jornal, “arranca essa luz de casa, não despreza a luz da lua, por causa desse fogo sem brasa da elétrica luz da rua” (*O Cometa*, agosto de 1971, ano 1, n.08, p. 03).

Esta citação é um indicativo de que o jornal era saudosista, que segundo Todorov o saudosismo é um sentimento guiado pelo interesse de apresentar uma determinada versão da memória em instituições culturais (TODOROV, 2002, p.154). Além de ser conservador, porque ao mesmo tempo que o periódico festejava a chegada da energia elétrica, o mesmo também lamentava a presença da eletricidade. Pois, era um elemento que possivelmente poderia mudar as antigas tradições que existiam na cidade de Oeiras antes da chegada da energia elétrica. Como, por exemplo, a extinção do uso por parte de quem tinha acesso a esse signo do moderno do lampião.

Por isso, é conveniente para o jornal publicar este poema, porque ele evidenciava como o jornal romantiza a sociedade oeirense pré-eletrificada que utilizava as lamparinas como meio de iluminação. Portanto, fica claro que o periódico através desse poema deseja reviver um período onde a eletricidade inexistia. O jornal, portanto, utiliza a chegada da luz elétrica para construir memórias nostálgicas dos costumes dos oeirenses antes do advento da energia elétrica na cidade, tendo um posicionamento ambíguo e conservador diante dessa novidade.

Além disso, o jornal documenta, dentro de sua perspectiva, os dois lados do desenvolvimento técnico e urbano da cidade de Oeiras mostrando os seus benefícios e as desigualdades causadas pelo progresso. Isso fica explícito nos números do jornal que falam sobre a situação precária dos bairros mais pobres da cidade.

Nesse sentido, Mendes afirma o contrário que o jornal dava ênfase às mudanças no desenvolvimento da cidade, mas esquecia dos problemas socioculturais que a modernização trazia (TAPETY, 2016, p. 37). No entanto, contrariando essa afirmação há uma publicação de

O Cometa que mostra a situação precária dos bairros periféricos que passaram por pouca ou nenhuma mudança, tendo poucas casas com banheiros e com acesso a energia elétrica.

Segundo esta publicação, os habitantes dos bairros Lavradinho, Rodagem de Picos e Várzea viviam uma calamidade socioeconômica por causa da falta de acesso ao que era considerado o básico para a sobrevivência:

Pior é a situação ou melhor a não situação das instalações sanitárias, de todas essas casas apenas 18 possuem banheiros, 8 dispõem de sentina, somente 5 casas tinham energia elétrica e nove água encanada... já quero não fala da falta de energia elétrica em tantas casas de uma cidade beneficiada pela COHEBE, nem da falta de água. (*O Cometa*, novembro de 1971, Ano I, número 09, p. 01)

Por mais que os intelectuais Possidônio Queiroz e Costa Machado pregassem nas páginas de *O Cometa* entusiasmados as modificações trazidas pelos avanços modernos, os mesmos também mostravam as desvantagens dessa modernização. E uma delas é a permanência da desigualdade social. Há uma oposição construída entre o bairro Oeiras Nova, que segundo o jornal representava o moderno, e o centro histórico que representava um local tradicional.

Por outro lado, há o esquecimento do bairro do Rosário pelo jornal, por esse local não ter características modernas e não abrigar a elite local. Aqui é aplicada a política do esquecimento, pois “um passado que permanece mudo e muitas vezes menos produto do esquecimento, do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” (POLLAK, 1989, p. 11). Esta citação diz basicamente que um passado que não fala muitas vezes não é gerado somente pelo esquecimento, mas é gerado principalmente pelos meios de comunicação que gerenciam a memória.

Esta citação ajuda a compreender o caso do esquecimento do bairro do Rosário, porque o que deixa o passado, e o presente do bairro mudo é justamente a gestão da memória feita pelas publicações analisadas do jornal *O Cometa*. Os números consultados do noticioso fazem construções de alguns lugares e negligenciam outros, como o caso do bairro Rosário que tem importância histórica, mas não é citado nas publicações analisadas. O jornal fala muito do centro histórico e pouco do bairro Rosário, pelo fato do primeiro ser o bairro da elite e o segundo dos mais pobres e uma população negra, embora ambos fossem e ainda sejam portadores de patrimônios materiais e culturais importantes.

Houve o desenvolvimento do bairro Oeiras Nova neste contexto de modernização, onde segundo o jornal *O Cometa* haviam construções privadas, além de ser o bairro mais populoso. O jornal fornece essas informações sobre este bairro em sua publicação de novembro a dezembro de 1975, em seus números 11 e 12. Nestes, é enaltecido o avanço do bairro Oeiras

Nova com base em suas instalações modernas que seriam os novos prédios construídos nesse bairro. Segundo o jornal: “o Bairro Oeiras Nova é o que mais se tem desenvolvido, e o mais populoso, além de ser um bairro bonito onde vão aparecendo construções particulares” (*O Cometa*, novembro e dezembro de 1975, números 11 e 12, p. 03).

Além de construções particulares, o jornal noticiou a instalação de instituições coletivas, interessante ambas voltadas ao atendimento comunitário e populações menos afortunadas, reproduzindo uma tendência de elites conservadoras de preferir a caridade à justiça social: “no bairro Oeiras Nova foram construídos o patronato N.S de Fátima [entidade de auxílio mútuo] e também o Centro Comunitário Frei Damião” (*O Cometa*, novembro e dezembro de 1975, números 11 e 12, p. 03).

Outro fato que, na perspectiva do jornal, marcou a modernização em Oeiras foi a chegada da televisão em 1973. Na década de 1970, a televisão no Piauí passou por momentos de relevância sendo as primeiras transmissões ao vivo realizadas pela Embratel e pelo Jornal Nacional (VAZ, 2017, p. 02). No caso oeirense, a primeira torre de televisão foi instalada no ano de 1973 na avenida Rui Barbosa. Porém, o sinal da transmissão era ruim tanto que em uma publicação do jornal *O Cometa*, Possidônio Queiroz reclamava pelo fato da transmissão televisiva ocorrer somente até às nove da noite:

A TV só funciona até às nove da noite, pela segunda vez em Oeiras a televisão passa por períodos de sérios dias [sic] sendo cortado o sinal às nove da noite, a gente está no melhor do gosto assistindo a um programa, mas a TV sai do ar, não sabemos ao certo o motivo. o certo é que o fato é muito desagradável (*O Cometa*, dezembro de 1973, n. 12, p. 01).

Aqui, o escritor do jornal reclamava do péssimo sinal de televisão que estava presente na cidade, pois para ele ter televisão somente até às nove da noite era insatisfatório. Com a instalação de uma nova torre de televisão, porém é inegável que a chegada da televisão na cidade revolucionou os meios de comunicação (TAPETY, 2016, p. 28). Isso porque era a primeira vez que os oeirenses que tinham acesso a televisão viam uma transmissão ao vivo. Possidônio Queiroz recebeu com entusiasmo essa inovação, isso fica visível quando ele reclama com fervor da má qualidade dos canais televisivos em Oeiras naquele período, já que não reclamaria do funcionamento insatisfatório de algo considerando desimportante. Quando Oeiras recebeu a nova torre de televisão ele relatou o acontecimento em uma epístola (MENDES, 2016, p. 28).

Vale ressaltar que a chegada da televisão em Oeiras ocorreu em 1973, enquanto que a televisão chegou ao Brasil no final dos anos 1950 segundo Leão: “o dia 18 de setembro de 1950

entrou para a história como a data de inauguração da primeira emissora de TV brasileira, PRF-3 TV Difusora, que mais tarde passaria a se chamar TV Tupi de São Paulo a estreia foi grandiosa” (LEÃO, 2000, p.18). Chegando a Oeiras somente 23 anos depois de sua estreia nacional, foi algo conflituoso para a maioria dos habitantes de Oeiras porque não estavam habituados a lidar com esse meio de comunicação. Sem contar que pelo fato de poucas pessoas terem acesso a energia elétrica além do aparelho ser muito caro, a televisão acabou se tornando um objeto da elite.

Aqui fica visível que as preocupações do jornal eram maioritariamente as mesmas preocupações da elite oeirense. Isso porque os indivíduos que não tinham acesso a esse meio de comunicação não tinham essa preocupação. Assim pode-se chegar a conclusão de que a preocupação com a chegada da modernidade era da elite conservadora oeirense, pois eram os seus filhos que desfrutavam dos seus benefícios. Por isso que o jornal difundia o moderno, mas buscando junto a outras instituições ter o controle da memória da cidade. Para Todorov o controle da memória seria basicamente o monitoramento sistemático dos documentos e monumentos, o que representa um modo de orientar a memória de toda a sociedade (TODOROV, 2002, p. 139).

Outro aspecto da urbanização de Oeiras nos anos de 1970 foi a pavimentação da cidade, que representou um avanço importante para o município. É interessante analisar como os intelectuais e a elite receberam esse aspecto do urbano. Primeiro que a data de inauguração da pavimentação foi marcada para o dia 13 de dezembro de 1973, data que representa o dia em que a casa da Pólvora foi assaltada, um marco da memória tradicional da cidade. Outro aspecto importante a ser destacado é a homenagem feita para os sertanistas Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense.

Esta dinâmica evidencia que a modernidade oeirense estava entrelaçada com os fatos e personagens do passado de Oeiras, isso porque buscava-se através desses vestígios do moderno mostrar a atuação desses personagens. Então o intuito de homenagear as pessoas da

elite ou acontecimentos do período do Piauí colonial deixa claro que a modernização de Oeiras nos anos 1970, objetivava atender os interesses de preservar o passado que representava a elite oeirense dessa década.

Portanto, a elite cultural de Oeiras buscava conciliar as novas obras da cidade, no contexto da década de 1970 com a memória dos seus antepassados, colocando nomes de pessoas que para a elite oeirense foram importantes e inaugurando tais obras em datas simbólicas: “A

data do início da pavimentação de Oeiras em 1973, será 13 de dezembro, e fará uma homenagem ao Domingos Jorge Velho e ao Domingos Afonso Mafrense” (*O Cometa*, junho de 1972, n. 06, p. 05).

De acordo com Boas (2012, p.153), no Brasil as características da modernidade foram utilizadas para preservar as memórias das elites coloniais. No caso oeirense não é diferente, porque quando há o surgimento de inovações vemos que os homenageados e os beneficiados, geralmente são os componentes e descendentes das antigas elites coloniais oeirenses. É importante ressaltar que os que compõem a elite são adeptos da modernidade, mas sem deixar as suas tradições culturais de lado com intuito de manter uma memória elitista, em outras palavras a memória elitista seria basicamente a organização de lugares de memória como uma invenção discursiva dos legados dos componentes dessa minoria (HEYMANN, 2011, p. 78). A preservação da memória beneficiava a elite cultural da cidade, incluindo Possidônio Queiroz, Costa Machado e o José Expedito Rego que participavam das decisões da cidade, por isso é enfatizado no Jornal a importância de homenagear o Domingos Afonso Mafrense e o Domingos Jorge Velho.

É importante destacar que essa pavimentação foi organizada pelas pessoas da elite, por isso foram colocados como símbolos da inauguração personagens e datas que simbolizavam a caracterização da ação das antigas sociedades tradicionais da cidade de Oeiras. Os intelectuais do jornal priorizaram na publicação a homenagem que seria feita durante a pavimentação da cidade aos sertanistas portugueses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise crítica das publicações de *O Cometa* é possível afirmar que há um desejo do jornal de promover a urbanização, todos os discursos proferidos tem a finalidade de trazer o progresso técnico para a cidade de Oeiras na década de 1970, por isso que o periódico aqui estudado exibe em seus números signos do moderno em seu contexto de circulação nos anos 70 do século XX, e também mostrando o que considerou avanços urbanísticos nos séculos XVII, XVIII com objetivo de levar a Oeiras do Piauí o progresso urbano em seu presente.

Com essa pesquisa podemos concluir que foi o velho que impulsionou o novo pois quem propagava a modernização, no Brasil como em Oeiras nos anos 1970 foram as antigas elites coloniais. Assim fica claro que a chegada da modernidade não representaria uma ruptura com o tradicional, citando Perllato “o moderno, portanto, não vinha a partir da separação do atraso, mas era o próprio atraso que impulsionava a modernização no Brasil” (PERLLATO, 2014, p. 469). Trazendo para a realidade de Oeiras, foi justamente através da preservação do passado colonial que impulsionou a modernização da cidade, isso porque as características do progresso tinham uma relação direta com a cultura tradicional.

Por isso pode-se concluir que o jornal no período estudado de 1971-1975 vai ser um importante agente cultural que difunde o avanço técnico de Oeiras do Piauí dizendo de uma forma indireta “vamos ser modernos, mas sem deixarmos de lado as nossas raízes culturais”. Para problematizar esses discursos foram utilizadas publicações de *O Cometa* cedidas pela biblioteca da UESPI campus Possidônio Queiroz, através também das páginas cedidas pelo Carlos Rubem Reis e pela escola Instituto Barros de Ensino, localizado em Oeiras do Piauí, que pertence a Socorro Barros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRAES, Esdras Araújo. **Curral de reses, curral de almas: urbanização do sertão nordestino entre os séculos XVIII e XIX**. Fau-USP. São Paulo, 2012.
- ARRAES, Esdras Araújo. **Imaginando a paisagem urbana de Oeiras do Piauí (1697-1762)**. Vol 41, N 02, maio/agosto, 2016.
- ARRAES, Esdras. **Três caminhos, uma cidade: notas sobre a urbanização de Oeiras do Piauí entre os séculos XVII e XVIII**. III encontro nacional de história do pensamento geográfico. I encontro nacional de geografia histórica. nov. 2012.
- ABREU, Maurício De Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista TERRITÓRIO, ano III, N 04, Jan/Jun, 1998.
- DOMINGUES, José Maurício. **A dialética da modernização conservadora e a nova do Brasil**. Revista de ciências sociais, Rio de Janeiro, vol 45, N 03, 2002, pp 459-482.
- GUARNIERI, Dayane Cristina. **A utilização do periódico como fonte histórica**. XIII encontro estadual de história. histórias e mídias narrativas em disputas.
- FERES, João Junior. **Introdução a uma crítica da modernidade como conceito sociológico**. Mediações, Londrina, v 15, n. 02, p. 28-41, jul/dez, 2010.
- HEYMANN, Luciana Quillet. **Memórias da elite: arquivos, instituições e projetos memórias**. R. posci-soc. v 08, n 15, jan./jun. 2011.
- CARVALHO, Dagoberto de. **Passeio a Oeiras**. 6 edição, FUNDAC. Teresina/2010.
- LIMA, Rodrigo Marley Queiroz. **Do alforge da memória: Possidônio Queiroz, Oeiras (PI) e as narrativas de si**. UFPI. CCHL. PPGH. Teresina, Piauí, 2017.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. PUC Rio Grande do Sul, 2015.
- LEÃO, Maxwell. **A televisão brasileira**. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2000.
- LIMA, Vanuza Ribeiro De; MARINHO, Marcelo; BRAND, Antonio. **História, identidade e desenvolvimento local: questões e conceitos**. História e perspectivas, Uberlândia, jan.dez. 2007.

LE GOFF, Jacques; trad. LEITÃO, Bernardo. **História e memória**. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1994.

LOPES, Diva Maria Ferlin. **O conceito de urbano e as cidades de pequeno porte no semiárido baiano: novo triunfo Santa Brígida e Sítio do Quinto**. Universidade Federal da Bahia. Instituto geociências, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Proj. histórias. São Paulo. dez. 1993.

OLIVEIRA, Francisca Maria de Moraes. **O uso da literatura como fonte histórica: uma análise da obra Malhadinha de José Expedito Rego**. revista Somma, Teresina, Vol 03, N 01, pp 97-107, jan./jun. 2017.

PIRES, José Maurício; RAMOS, Pedro. **O termo modernização conservadora e a sua utilização no Brasil**. Revista econômica do Nordeste. Vol 40. N 03. julho-setembro, 2009.
PERLATTO, Fernando. **Interpretando a modernização conservadora = a imaginação sociológica brasileira em tempos difíceis**. revista estudos políticos. Vol 05. N 02, 2019.
RIBEIRO, Hyssis Beatriz de Romão. **História e memória na obra passeio a Oeiras (1982) de Dagoberto de Carvalho JR**. UESPI, 2023.

ROCHA, Zulene de Holanda. **Modernização e ressignificação: as contradições na formação do espaço urbano oeirense (1900-1945)**. Campina Grande-PB, março/2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SANTOS, Fernanda Da Costa de Sousa. **“Princesa dos sertões piauienses”:** história e memória na composição de uma capital eclesiástica em Oeiras-PI (1940-1945). UFPI, Teresina-PI/2022.

SANTOS, Jose Lazaro de Carvalho. **Reflexões por um conceito contemporâneo de urbanismo**. V 03, ed 3, 2006.

TEMBIL, Márcia. **Em busca da cidade moderna: Guarapuava...recompondo histórias, tecendo memórias**. Guarapuava: UNICENTRO, 2007.

TOLEDO, Maria Aparecida de Leopoldino de Tursi. **História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história**. Vol 03, N 06, Jul-Dez de 2010, pp 743-758.

TODOROV, T, **Controlar a memória**. Congresso “História e memória dos crimes e genocídios nazistas”, Fundação Auschwitz, 1992.

TAPETY, Audrey Maria Mendes de Freitas. **A produção historiográfica de Possidônio Queiroz e Dagoberto de Carvalho JR durante as décadas de 1970 e 1980 na cidade de Oeiras-PI no jornal “O Cometa” e na revista do instituto histórico de Oeiras**. cadernos do tempo presente, N 17, Set./Out. 2014, pp 61-73.

TAPETY, Audrey Maria Mendes. **Rede mafrensina: sociabilidades e diálogo epistolar entre intelectuais piauienses de 1980-1995**. PUC-SP, São Paulo, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol 02, N 03, 1989, pp 3-15.

QUEIROZ, Teresinha. **Historiografia piauiense**. Recife: edições bagaços, 2006.

VIEIRA, Paulo Eduardo. **A gênese da ideologia da modernização conservadora e a dialética da prática econômica a partir da obra de Carlos Augusto Taunay e suas relações com a educação agrária e agrícola do Brasil**. UNICAMP, Campinas-SP, 2020.

VIEIRA, Luiz Maciel. **O uso do jornal como fonte de pesquisa**. Universidade Estadual do Ceará. (UECE).VAZ, Tyciane Viana. **História da televisão piauiense de 1976-1980**. V congresso nacional de história da mídia-São Paulo, 31 de Maio a 02 de Junho de 2007.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO



RESOLUÇÃO CEPEX Nº. 089/2016

ANEXO A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

Concedo à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) o direito não-exclusivo de reproduzir, traduzir e/ou distribuir este trabalho (incluindo o resumo) por todo o mundo, no formato impresso e eletrônico e em qualquer meio, incluindo os formatos áudio ou vídeo.

Concordo que a UESPI pode, sem alterar o conteúdo, transpor este trabalho para qualquer meio ou formato para fins de preservação.

Concordo que a UESPI pode manter mais de uma cópia de meu trabalho para fins de segurança, backup ou preservação.

Declaro que este trabalho é original e tenho o poder de conceder os direitos contidos nesta licença.

Declaro também que o depósito deste trabalho não infringe direitos autorais de ninguém.

Levando-se em conta que o trabalho ora depositado tenha sido de resultado de patrocínio ou apoio de uma agência de fomento ou outro organismo que não seja a UESPI, declaro que foram respeitados todos e quaisquer direitos de revisão como também as demais obrigações exigidas por contrato ou acordo.

Contendo este trabalho material do qual não possuo titularidade dos direitos autorais, declaro que obtive a permissão irrestrita do detentor dos direitos autorais para conceder à Universidade os direitos apresentados nesta licença, e que esse material está claramente identificado e reconhecido no texto ou no conteúdo do trabalho ora depositado.

A UESPI se compromete a identificar claramente seu nome(s) ou o(s) nome(s) dos detentores dos direitos autorais do trabalho em questão, e não fará qualquer alteração, além daquelas concedidas por esta licença.

De acordo com esta licença.

Oeiras, PI 24 de Julho de 2024.

Laerton de Sousa Silva

Assinatura

História e memória: um estudo sobre a urbanização
na cidade de Oeiras Título do trabalho no jornal O Correio (1971-1975).

Licenciatura plena em História

Curso